Revista Ícone
Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura
Volume 10 – Agosto de 2012 – ISSN 1982-7717

ENTRE A REVOLTA E A SAUDADE: *CONSOLAÇÃO ÀS TRIBULAÇÕES DE ISRAEL*, DE SAMUEL USQUE

Luzia Aparecida Berloffa Tofalini - UEM[1]

luziatofalini@hotmail.com

RESUMO: Este estudo empreende uma investigação acerca do texto literário de *Consolação às tribulações de Israel*, escrito por Samuel Usque, no intuito de demonstrar alguns dos problemas gerados pela expulsão dos judeus, pelos portugueses, e os modos de sua representação no texto artístico-literário. A obra encontra-se vazada pela expressão de uma angústia profunda que oprime o ser, exigindo a presença de recursos próprios da poesia para viabilizar a exposição de conteúdos subjetivos, envoltos em revolta e saudade.

Palavras-chave: Diáspora. Identidade. Prosa lírica.

Consolação às Tribulações de Israel, do judeu Samuel Usque, historiador e escritor nascido em Lisboa, foi publicada no ano de 1553, em Ferrara, Itália, dois anos depois de o autor ter sido expulso de Portugal. A reflexão que ora se faz desse texto artístico-literário tem por base uma reprodução fac-similada da edição de Ferrara. Yosef H. Yerushalmi (1989, p.363) menciona ter notícia de apenas quatro exemplares da edição de Ferrara. Eis o motivo pelo qual D. Manuel II a considerava uma obra rara entre as mais raras.

Há certa dificuldade no sentido de compreensão das palavras e dos subtextos, uma vez que muitos vocábulos sofreram variações semânticas, além de outros que, pelo desuso, tornaram-se arcaicos. Há, inclusive, palavras que deixam transparecer influências do idioma italiano da época. A despeito de tais problemas, se comparado com textos em língua portuguesa contemporânea, não é difícil depreender o fio lírico permeando a prosa. O ritmo poético, a beleza do discurso altamente literário e o que ele representa constituem um convite à pesquisa.

Em *Consolação às tribulações de Israel*, o narrador, na impossibilidade de expressar toda a sua revolta por meio de palavras comuns, utiliza-se de uma linguagem poética, plurissignificativa e altamente sugestiva, na tentativa de externar toda a sua dor e a sua saudade. A prosa sente-se incapaz de dar conta da profundidade desse sofrimento. A poesia entra em cena, entrelaça-se com a prosa, estabelece um conluio com ela e, assim, na hibridez

[1] Doutora em Letras e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, Pr. Email: luziatofalini@hotmail.com

do discurso, pode dizer o indizível. Conforme Salvatore D'Onófrio (1978, p.21) se o material da arte do poeta é a palavra, é só através do uso invulgar desta que ele pode chamar a atenção dos destinatários para a realidade mais profunda da condição humana.

Os judeus instalaram-se, desde os tempos de Salomão, na Península Ibérica. Ali, passaram por toda sorte de sofrimentos. Juntamente com outros povos do território, de acordo com Celso Lafer (1978, p.21), "passaram pelo domínio romano, suportaram as invasões bárbaras, sofreram os primeiros reinados visigóticos, sustentaram os árabes, "integraram-se nos reinados cristãos da Reconquista". A partir do Terceiro Concílio de Toledo, em 589, quando se estabeleceu o catolicismo como religião do Estado, iniciou-se um período extremamente difícil para o povo judeu. Houve muitas perseguições amenizadas por períodos de tolerância.

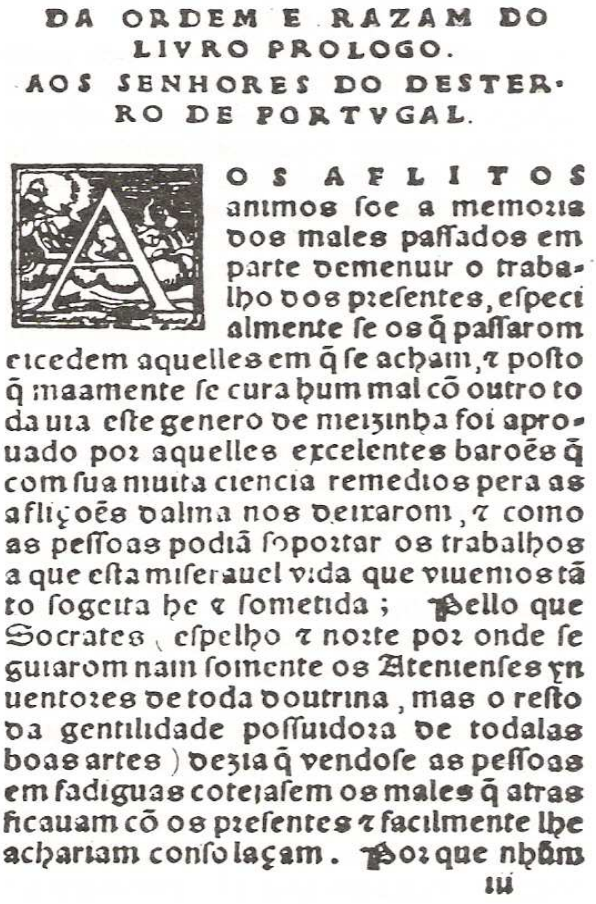
As relações entre árabes, cristãos e judeus, estabelecidas pelo Pacto de Omar, favoreceu grande atividade intelectual na Península, o que a transformou no mais importante centro cultural europeu da época (*Cf.* LAFER, 1978, p.22). No dizer de Antônio José Saraiva (*apud* LAFER, 1978, p.23),

> (...) quando os árabes se retiraram, (os judeus) permaneceram como sobreviventes e representantes de formas de economia, técnica e cultura de que os invasores cristãos estavam ainda vivendo. Num mundo predominantemente agrário e feudal, conservaram a tradição da economia comercial, monetária e em parte capitalista de uma sociedade urbana, como havia sido a dos árabes na Península.

Em Portugal, os judeus já se haviam estabelecido muito antes da formação do Estado Nacional. Muitos chegaram a ser conselheiros 'para assuntos monetários', outros foram mantidos por monarcas na 'direção de negócios públicos'. Tais cargos, entretanto, constituíam exceção. A maioria do povo judeu estava sujeita a "leis restritivas, como viver na cidade, fora do gueto, e não trazer no vestuário a degradante e preventiva estrela" (*Cf.* LAFER, 1978, p.23-24). Trata-se, evidentemente, da estrela de seis pontas ou Estrela de Davi (*Magen David*), símbolo do judaísmo.

A Igreja, por sua vez, entendia que os judeus, na qualidade de povo escolhido, deveriam ser defendidos e sobreviver, porque seria através deles que se patentearia o triunfo final do plano de Deus para a salvação do mundo (*Cf.* LAFER, 1978, p.24). É que o povo judeu constitui o testemunho vivo do Messias, que afinal é o próprio Cristo. Daí as diversas bulas papais insistindo na proteção de tal povo. Não obstante, foram expulsos no final do século XV, deixando "no sangue, na alma e na cultura ibérica, a marca de sua individualidade" (LAFER, 1978, p.21).

Por outro lado, os judeus expulsos levaram consigo a influência do pensamento helênico. Hipócrates, Galeno, Euclides, Arquimedes, Ptolomeu, Aristides e outros pensadores tornaram-se acessíveis aos judeus ibéricos, uma vez que estes dominavam a língua portuguesa. Essencialmente antifilosófica, a tradição judaica acabou por aderir ao método e à terminologia do pensamento grego. Desta forma, incorporaram as ideias de Aristóteles e de Platão, além da escolástica medieval e, evidentemente, de todo o pensamento ocidental (*Cf.* LAFER, 1978, p.22). Eis uma página que, além de mostrar a dor "aos senhores do desterro de Portugal", está permeada por ideias gregas.



DA ORDEM E RAZAM DO
LIVRO PROLOGO.
AOS SENHORES DO DESTER-
RO DE PORTVGAL.

OS AFLITOS animos ſoe a memoria dos males paſſados em parte demenuir o trabalho dos preſentes, eſpecialmente ſe os q̃ paſſarom excedem aquelles em q̃ ſe acham, & poſto q̃ maamente ſe cura hum mal cõ outro toda uia eſte genero de meizinha foi aprouado por aquelles excelentes baroẽs q̃ com ſua muita ciencia remedios pera as afliçoẽs dalma nos deixarom, & como as peſſoas podiã ſoportar os trabalhos a que eſta miſerauel vida que viuemos tão ſogeita he & ſometida; Pello que Socrates, eſpelho & norte por onde ſe guiarom naõ ſomente os Atenienſes inuentores de toda doutrina, mas o reſto da gentilidade poſſuidora de todalas boas artes) dezia q̃ vendoſe as peſſoas em fadiguas cotejaſem os males q̃ atras ficauam cõ os preſentes & facilmente lhe acharíam conſolaçam. Por que nhũm

iii

O excerto constitui uma prova da assimilação dos ensinamentos clássicos representada pela doutrina de Sócrates: "Pelo que Sócrates (espelho e norte por onde seguiram não somente os Atenienses inventores de toda doutrina, mas o resto da gente possuidora de todas as boas artes) dizia que vendo-se as pessoas em fadigas comparassem os males que atrás ficavam com os presentes e facilmente lhe achariam consolação" (USQUE, 1989, p.iii).

Com efeito, Samuel Usque demonstra, na obra, grande erudição. Daí Yosef H. Yerushalmi (1989, p.51), assinalar que

> From the culture reflected in the *Consolaçam* it would appear that Usque had received a broad education in Portugal.He had learned Latin and perhaps some Greek, read widely in the classics, and apparently knew Spanish well. He must also have cultivated a particular interest in Portuguese vernacular literature, since his own stylistic mastery could only have been achieved before he left.

O decreto de expulsão dos judeus de Portugal data de 1496. Havia cerca de cento e noventa e cinco mil judeus em território português. D. Manuel, devido aos interesses comerciais passou a exigir uma conversão forçada. Muitos judeus tornaram-se cristãos, ainda que sob o véu de conversão autêntica. São os chamados cristãos-novos. Aqui se encontra Samuel Usque:

> He was certainly born in Portugal, perhaps shortly after the conversion of 1497. He himself refers to the New Cristians as "our Portuguese nation" (nossa nação Portuguesa), and the portuguese as the language he há suckled with his mother's milk (a lingua que mamey). His forebears, he declares, were "of the dispersion of Castile" (do desterro de Castela), wich may indicate that they were among the spanish exiles of 1492. He lived in Portugal as a New Christian at least until 1531, the year in wich John III requested authorization for an Inquisition. The equivalent Jewish date (5921) [...] (YERUSHALMI, 1989, p. 50).

Em terras estrangeiras, Samuel Usque redigiu a *Consolação às Tribulações de Israel*. Escrita em altíssimo tom artístico, a obra atingiu lugar de destaque ao lado de alguns dos melhores livros da prosa clássica na história das letras portuguesas. Ao tratar dos sofrimentos que envolvem a Diáspora, a *Consolação* não se constitui como poema épico, mas poderia assemelhar-se à tragédia, se não fosse eivada de força histórica e antropologicamente otimista (*Cf.* MARTINS, 1989, p.140). Escrita em português e tratando de uma lamentação do trágico percurso de um povo na sua história, a obra pretende "convencer os portugueses de que Israel não merecia ser alvo de tamanhas crueldades" (MARTINS, 1989, p.142).

No prólogo da obra, Samuel Usque quer "explicar aos judeus da Diáspora, os motivos profundos que estão na gênese da *Consolação às Tribulações de Israel"* (MARTINS, 1989, p.135) e advertir "os correligionários de que tantos sofrimentos formam um caminho tergiversante, mas seguro para a recuperação da pátria, para a paz da alma e a glória aos pés do Senhor, a contemplar-lhe a face luminosa" (FIGUEIREDO, 1966, p.178). De fato, o texto de *Consolação às Tribulações de Israel* encontra-se vazado pela mística. Para o narrador, é

impossível fugir do fato de que há uma relação de causa e efeito entre o pecado e o sofrimento. Fidelino de Figueiredo (1966, p.181) esclarece que

> É com estas quatro obras iniciais que se define o caráter pragmatista da literatura mística portuguesa: *Consolação às Tribulações de Israel*, de Usque, Ferrara, 1553, só em 1906 de novo reimpressa, em Coimbra; *Imagem da Vida Cristã*, de Heitor Pinto, Coimbra, 1563, no mesmo século XVI várias vezes reeditada; *Diálogos*, de Amador Arrais, Coimbra, 1589, mais completos na edição de 1604, depois esquecidos até à edição rolandiana de 1844; e *Trabalhos de Jesus*, de Tomé de Jesus, Lisboa, 1602-1609, uma das obras literárias portuguesas mais vezes reimpressas e traduzidas para línguas estranhas.

O discurso da obra espraia-se em uma linguagem que, por expressar conteúdos da profundeza do ser, encontra-se evada de poesia. Embora o texto seja permeado pelo caráter semítico, pelo tom grandíloquo e profético, pelo ódio e pela esperança vingadora, com acentos violentos de ódio, maldições e imprecações de um iluminado profetismo (*Cf.* MARTINS, 1966, p.401), a rigidez é suavizada pelo poético. Na obra, "o fatalismo dá sentidos simbólicos àquilo que é comum, criando um ambiente de tragédia e fazendo adivinhar uma catástrofe" (MARTINS, 1966, p.401).

Classificada como prosa doutrinária "laica e religiosa", *Consolação às Tribulações de Israel* "dirige-se por vários caminhos e reflete tendências nem sempre ortodoxas ou cortesãs" (MOISÉS, 1974, p.86). As personagens Numeo e Zicareo, representando respectivamente as figuras bíblicas de Naum e Zacarias, passam a consolar Icabo, anagrama do nome do patriarca Jacob.

Enquanto Camões, em *Os Lusíadas*, pede inspiração às ninfas para que seu estilo seja grandiloquente, Samuel Usque implora ajuda ao Senhor para que a sua pena seja erguida tão alto quanto a altura do seu assunto, uma vez que receia não ter engenho para tanto. Eis as palavras textuais:

> nas grandes cousas e dignas de memória, o menos que os bons juízos notam é a língua ou estilo, por que a cousa em si mesma se estima e as palavras não é outro que ua declaração, as quais importam pouco serem elegantes ou mal ornadas (USQUE, 1989, p. iiiiir-v).

Na verdade, e conforme José V. Pina Martins (1989, p.140), tal declaração pode ser genuína ou de falsa modéstia, já que Usque se afasta da tradição clássica renascentista, pois esta exigia, no dizer de Camões, um "estilo alto e sublimado". Martins lembra que não se pode esquecer que *Os Lusíadas* não se propunham a consolar o povo luso, mas exaltar as

façanhas gloriosas dos heróis construtores da pátria. A *Consolação*, todavia, objetiva minimizar o sofrimento do povo judeu e consolar o trágico destino da comunidade judaica.

Vazada de poesia transcendental, mais especificamente de transcendente poesia lírica, a prosa usquiana alcança grau altíssimo de literariedade, que tem sua gênese no profundo sofrimento que envolve a alma, "fundindo homem e mundo, microcosmo e macrocosmo na mesma antropológica e cosmológica tristeza" (MARTINS, 1989, p.156-157). É que Samuel Usque, na ótica de Massaud Moisés (1974, p.87),

> impregna a obra de muita emoção, mercê de sua condição judaica, aliada à forte sentimentalidade e sensualidade de raiz artística. Essas qualidades servem de base a um escritor apaixonado, que se coloca inteiro na obra, onde procura retratar os horrores da perseguição a seus irmãos de sangue e de religião.

Corre, todavia, no texto, do início ao final da obra, um fio de melancolia judaica que atesta a saudade de Portugal. Essa saudade é patenteada no momento em que o escritor escolhe a língua portuguesa (sua própria língua) para escrever a obra e explica: "(...) desconveniente era fugir da língua que mamei e buscar outra prestada per a falar aos meus naturais" (USQUE, 1989, p.Vjr). É que, naquele momento, o sofrimento mais vivo de Israel era ainda o problema da expulsão da Península e, mais especificamente, de Portugal. De fato, pode-se perceber uma "secreta saudade de Portugal e dos portugueses que tanto tinham perseguido e feito sofrer os seus irmãos de sangue, de lei e de espírito" (MARTINS, 1989, p.141). Há, porém, outro motivo para ter escrito a obra em língua portuguesa: queria evidenciar que a "ferida aberta por Portugal no espírito e no corpo da sua comunidade estava ainda a sangrar" (MARTINS, 1989, p.142). Além disso, pretendia convencer os portugueses que o seu povo não merecia ser tratado com tanta crueldade.

A estrutura da *Consolação às Tribulações de Israel* é composta por um Prólogo e três Diálogos. Conforme José V. Pina Martins (1989, p.280), o Primeiro Diálogo é iniciado com uma descrição entrecortada de serenidade e precede o relato das tribulações até a destruição da Casa Segunda. O Segundo Diálogo lamenta a perda das dez tribos, referidas no Primeiro Diálogo. A estrutura do Segundo Diálogo é composta por tribulações, lamentos, prantos e consolos. O Terceiro e último Diálogo é "o mais importante" devido à "própria natureza da inspiração profética e da esperança que o enforma" (MARTINS, 1989, p.280).

Trata-se de um verdadeiro "canto em prosa", no qual a poesia está intimamente unida à prosa. Tal hibridez é resultado da necessidade de expressão dos sentimentos e emoções da parte mais profunda do ser. Com efeito, ao longo do discurso percebe-se uma interação vital

da alma e do corpo. Mas isso só se torna possível na medida em que o narrador do texto se revela como um psicólogo sutil. Ele analisa os próprios sentimentos, ações e reações e projeta os resultados dessa análise para as personagens do texto. O ato de confluir história, memória e literatura, constitui uma estratégia para desagravar a si mesmo e ao povo judeu.

O espaço, principalmente a paisagem, é "vista e interpretada numa exegese simbólica em que entram valores existenciais e sobrenaturais relacionados com o povo de Israel" (MARTINS, 1989, p.337). No cosmos verbal de Samuel Usque transparece altíssima inspiração. O narrador coloca na boca da personagem Icabo um poema-canto de lirismo profundo:

> Ó mundo, mundo, / já que tuas racionaes creaturas / não consentes se doiam de minhas tribulações e lazeiras, / se nas insensíveis / influirom os céos algum modo secreto de piedade, / dá licença aos rios / que d'altas montanhas com espantoso rumor / vêm quebrar suas escumosas ágoas em baixo, / que detendo o seu arrebatado passo, / com manso e lamentoso roído / acompanhem o contínuo curso de minhas lágrimas, / e em seu correr cansado, / mostrem novo sentimento / de minhas longas misérias! / E vós outros, / príncipes de todos eles, / Nilo, Ganges, Eufrates, Tigre, / que, desatando-vos do paraíso terrestre, / desenfreados vindes abrevar / os sequiosos Egípcios, / os moles e cheiros Índios / e, torcendo o passo, / escondendo-vos nas áres por muitos dias, / saís depois a mostrar-vos / aos bárbaros e queimados Guinéos / e sobindo e descendo / por ásperos e montanhosos desertos / is também saudar / os guerreiros e cruéis Tártaros pois lá vos comunicais / co aquele tão desejado mensageiro / que em carro e cavalos de fogo arrebatado / foi levado ao céos, / rogo-vos que aqui manso me digais este segredo: / — Quando cansarão meus males e fadigas, / minhas enjúrias e ofensas, / minhas saudades e misérias, / as feridas n'alma e minhas mágoas, / as bem-aventuranças em sonhos, / as desaventuras certas, os males presentes / e esperanças longas e tão cansadas?! / E quando terá paz tanta guerra / contra um fraco subjeito, / temor, suspeita, receos / de minhas entranhas?! / té quando gemerei, sospirarei,/ matarei a sede / co as lágrimas de meus olhos?! (USQUE, 1989, p. Aiiir-v).

Poder-se-ia comparar tal expressão poética com as poesias mais inspiradas de Camões. O texto apresenta-se pulverizado por metáforas (Nilo, Ganges, Eufrates, Tigre), por sinestesias ("moles e cheirosos Índios", "por ásperos e montanhosos desertos"), por prosopopeias ("com manso e lamentoso roído", "detendo o seu arrebatado passo", "dá licença aos rios"), por cromatismo ("aos bárbaros e queimados Guinéos"), entre outros recursos da expressão poética.

O excerto tem início com uma descrição idílica da vida pastoril. Termina, porém, com a confissão das mágoas mais profundas e com lágrimas abundantes que atestam o sofrimento e, principalmente, a saudade: "— Quando cansarão meus males e fadigas, minhas injúrias e ofensas, minhas saudades e misérias...".

A composição do texto em três partes deixa evidente o fluir temporal, além de remeter para o simbólico. Tratam-se da descrição da natureza matutina: "que d'altas montanhas (...) vêm quebrar suas escumosas ágoas em baixo"; do movimento dos seres no pino do dia: "cada uma de suas viandas

gostosas e naturaes"; e do declinar do dia, quando a personagem Icabo irrompe em lamentações, sem poder atinar com o término das suas tribulações. Usque constrói com palavras, "os traços gerais de um espaço natural que é, de verdade, paisagem verdadeira, vista e interpretada numa exegese simbólica em que entram valores existenciais e sobrenaturais relacionados com o povo de Israel" (MARTINS, 1989, p.337). Ainda de acordo com José V. Pina Martins (1989, p. 338), "este propósito de apresentar três momentos essenciais do fluir do tempo diurno assinala já, de algum modo, a intenção de os associar à imagem da própria vida do homem e da história dos povos. (...) o homem intervém no sentimento de uma circunstância tornada estado de alma".

Stuart Hall (1986, p.11) afirma que a identidade do sujeito "é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o `eu real`, mas este é modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais `exteriores". Com a expulsão de Portugal, a identidade do narrador esfacela-se. Não é descendente de portugueses, mas, por outro lado, tendo assimilado a cultura desse povo, também não se sente genuinamente judeu.

Kobena Mercer (*apud* HALL, 2006, p.09) afirma que "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza". É exatamente o que acontece com o narrador e, por extensão, com seus iguais. A identidade do sujeito é deslocada.

No intuito de amenizar o sofrimento, o narrador apela para a simbologia e para a Mística. Os rios e a água são elementos simbólicos que representam a passagem da vida, com seus tormentos e lágrimas. Permanece, todavia, a esperança da "visão beatífica, o prêmio conforme ao desejo do Senhor, através da fidelidade, na terra, ao preceito da Lei Santa, estabelecida para todos os filhos de Israel" (MARTINS, 1989, p.359). O ser, entretanto, é homem regido por um princípio de contradição. Ao mesmo tempo em que espera Naquele que pode libertar e premiar, segue lutando com as lembranças, com a revolta e com a saudade. Por outro lado, trava-se um doloroso conflito entre a virtude de perdoar e a obsessão da revolta. Em outras palavras, entre o teor das leis religiosas, impressas no mais profundo da mente, e o desejo de busca de vingança, quando é acossado pelas recordações dolorosas do massacre de Lisboa.

> Ah! Irmãos, não posso sem grande angústia de minha alma lembrar-me de tempos passados; e como aquela memória se põe a disputar com o estado em que me ao presente acho, subitamente um arrepiado ar (que como vivo o sinto) detendo-se em cada membro e membro, o sangue per todalas veas do corpo espalhado me vai congelando. E sendo que o natural calor dizem ser o assento daquela divina e preciosa forma e faltando-me, não te maravilhes se a figura vês dessemelhada: os

> olhos sem lume e pesados, os cabelos descompostos, as mãos frias, as unhas sem cor, e sem sentido lançado em terra (só) debaixo este árvore e com todalas outras virtudes, perdido o temor: assi que, tornando a tratar agora destes tempos, ensanharei mais a crua chaga, cuja calidade não consente tocer-lhe muitas vezes. Porém não obstante todolos inconvenientes que vejo em meu dano (...), quero comprazer-vos e (abrindo o peito té as entranhas) dar-vos conta de mi e da lástima que empremida tenho no meo d'alma (USQUE, 1989, p. Aiiiiir-v).

A luta extenua. As recordações causam sofrimento. As lembranças do processo de expulsão e suas consequências são analisadas. A dualidade corpo/alma é enfatizada, revelando a face mística do discurso. *Consolação às Tribulações de Israel* reflete não só a crise correspondente a um momento histórico definido, mas a uma problemática humana de raízes político-religiosas.

É justamente a angústia que perpassa o discurso místico que exige a presença da modalidade lírica. Daí o entrelaçamento da prosa com a poesia lírica. O principal papel da poesia lírica ao enlaçar-se com a prosa consiste em permitir que as vozes que habitam a profundeza do homem possam eclodir e, dessa forma, dar vazão aos conteúdos subjetivos.

Referências

D'ONÓFRIO, Salvatore. **Poema e Narrativa: estruturas.** São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FIGUEIREDO, Fidelino de. **História literária de Portugal**. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAFER, Celso. *O judeu em Gil Vicente*. *In*:_____. **Gil Vicente e Camões.** São Paulo: Ática, 1978.

MARTINS, José V. Pina. *Consolação às tribulações de Israel. Alguns dos seus aspectos messiânicos e proféticos*. **In**: USQUE, Samuel. **Consolação às tribulações de Israel**. Vol I. Edição de Ferrara. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

USQUE, Samuel. **Consolação às tribulações de Israel**. Edição de Ferrara. Vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *A Jewish Classic in the Portuguese Language*. Estudos Introdutórios. In: USQUE, Samuel. **Consolação às tribulações de Israel**. Vol. I. Edição de Ferrara. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.